

na extremidade superior da cidadela do corpo confiada à sua guarda protectora», e chama-lhe «o guardião da inteligência».

Abderidan

Abderidan vai mais longe; é um dos precursores, o mais antigo talvez, da actual noção patogénica da alienação mental. Para êle, a alienação mental resulta dum desarranjo nos elementos componentes do cérebro. E explica que «se o movimento comunicado à alma pelos átomos a coloca numa temperatura conveniente, a percepção dos objectos é normal, e o pensamento é sã. Que o movimento desordenado dos átomos a aqueça ou a arrefeça excessivamente, e resultará que o pensamento sofrerá alterações semelhantes ou idênticas às da alienação mental» (1).

Hipócrates

Finalmente, Hipócrates reconhece que há certa relação entre alterações da motilidade e da sensibilidade e as alterações cerebrais. Atribue aos traumatismos do cérebro as convulsões do lado oposto do corpo, isto é, o que hoje chamamos a epilepsia jacksoniana, e afirma que é ainda a lesões cerebrais que devem ser atribuídas as desordens da inteligência, da razão, dos sentimentos, dos desejos. «E' pelo cérebro que nós pensamos, que compreendemos, que vemos e ouvimos, que conhecemos o belo e o feio, o agradável e o desagradável, o prazer e o desprazer. Mas se o cérebro não está sã, se está demasiado quente ou demasiado frio, demasiado húmido ou demasiado sêco, é por êle que nós deliramos e que os mêdos e os terrores nos assaltam» (2).

Progredia-se pois, cada vez mais, no conhecimento científico das relações que unem a vida psíquica à actividade cerebral. Mas ia erguer-se no caminho desta evolução uma barreira intransponível: Aristóteles.

Aristóteles

Aristóteles, que no dizer de Ogle «nunca viu um cérebro humano de adulto» (3), que

(1) G. Lhermitte. *Os Fundamentos Biológicos da Psicologia*, Paris 1925.

(2) Citado por J. Soury in *Système nerveux central*. Paris, 1899.

(3) W. Ogle: *Aristotle on the parts of animals*.

mantinha a afirmação de que a medula não tinha nada de comum com o cérebro; Aristóteles, que com o pêso incomensurável do seu prestígio e do seu talento esmagou o natural desenvolvimento da ciência e da filosofia durante tôda a Idade Média e que ainda hoje se faz sentir no cérebro de muitos pensadores; Aristóteles, dizíamos, nega enèrgicamente a participação do cérebro na vida do espírito: o cérebro e a medula não tem sensibilidade; «basta um simples golpe de vista para ver que o cérebro não tem a menor conexão com as partes que servem para sentir»; o órgão do sentimento, do pensamento, do raciocínio, é o coração; «o cérebro não intervém na harmonia das funções do organismo senão para corrigir, temperar por meio de refrigerações os excessos de calor do pulmão e do coração» (1).

E' certo que nem todos os discipulos de Aristóteles aderiram a esta doutrina, e nós vemos um dêles, Estratão, localizar a sensibilidade e a memória na cabeça, «entre as sobrancelhas» precisamente onde Gall e Spurzheim localizaram esta última. A voz dissidente de Estratão é, porém, uma voz isolada. E como diz Lhermitte «pour un Straton, combien de Zénon (d'E'lée), de Chrysippe, de Diogène (d'Apollonie), d'Apolodore (le stoïcien), qui, d'une voix unanime, réclament pour le cœur les fonctions de l'intelligence, de la mémoire et des affections».

A Escola de Alexandria

A voz de Aristóteles e o côro da quasi totalidade dos seus discipulos, fecharam num círculo de ferro o pensamento da época, limitando-o, impedindo-o de expandir-se.

Quanto pode o prestígio dum génio!

Só mais tarde, na Escola de Alexandria, graças ao abandono da pura especulação metafísica em proveito da observação e da experiência, é que a ideia duma correlação entre o cérebro e o espírito voltou a surgir, agora mais sólida, vivificada pelo estudo da anatomia e da fisiologia.

Erasistrato, da Escola de Alexandria, que foi dos primeiros a praticar a vivisseção (2), descreveu minuciosamente o cérebro.

(1) Lhermitte: *loc. cit.*

(2) Celso diz que a chegou a praticar em condenados à morte que êle abria ainda vivos, respirando ainda.